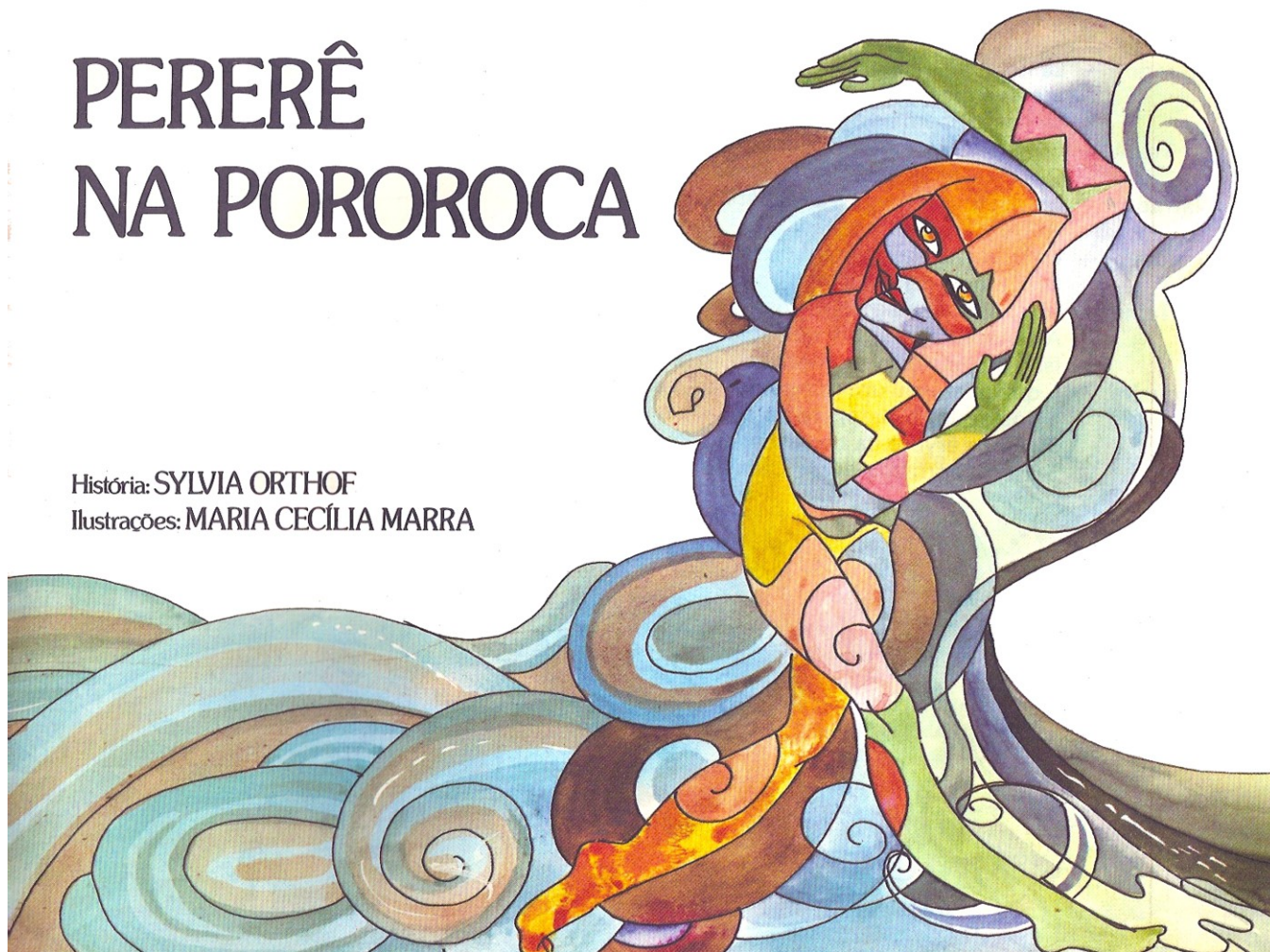




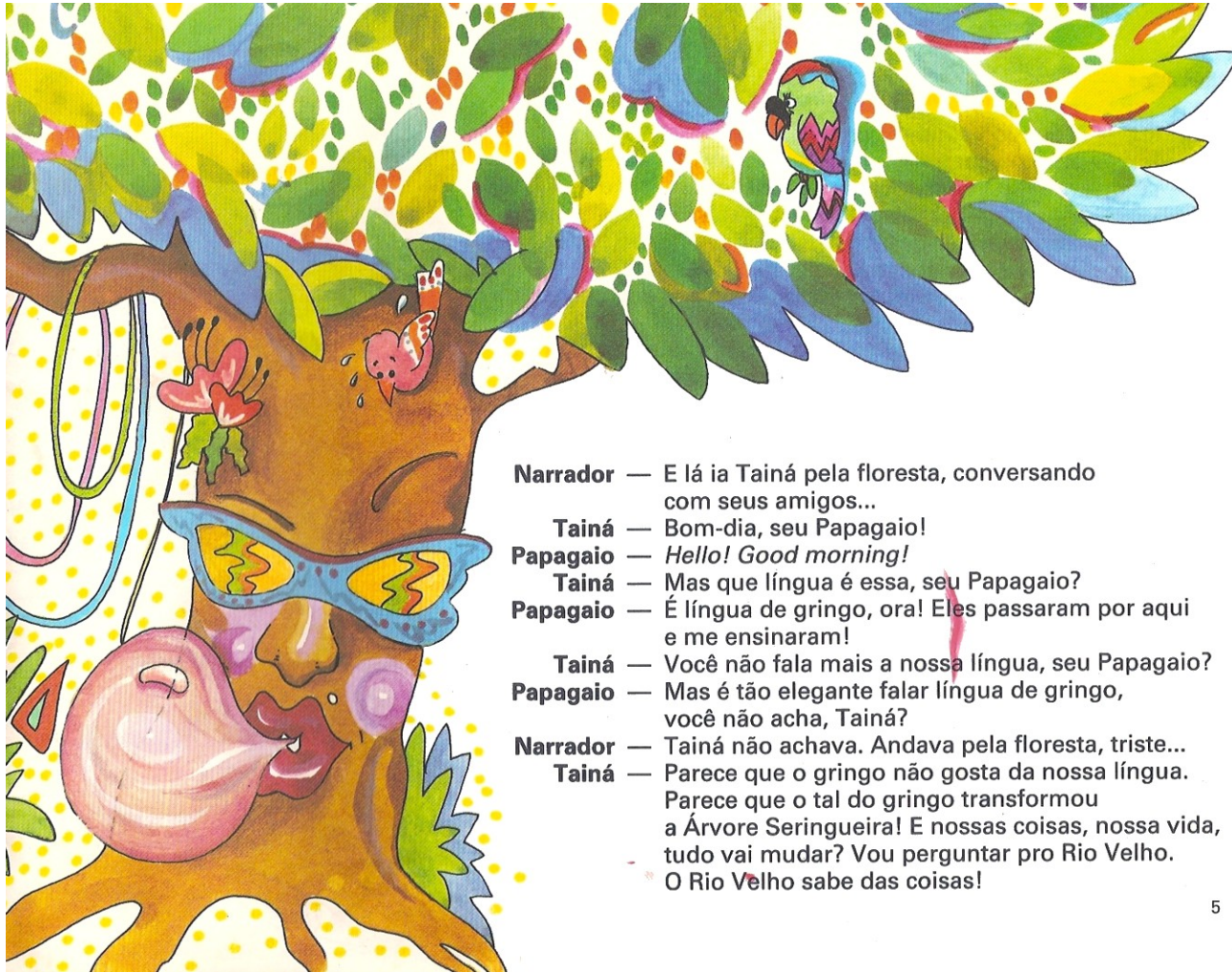
PERERÊ NA POROROCA

História: SYLVIA ORTHOF
Ilustrações: MARIA CECÍLIA MARRA



- Narrador** — Lá no meio da Floresta Amazônica, morava uma índia chamada Tainá. Ela sabia conversar com as árvores...
- Tainá** — Bom-dia, dona Árvore Seringueira, como vai a senhora? Ué, mas onde estão os seus passarinhos?
- Narrador** — E a Árvore Seringueira respondia, mastigando chiclete e fazendo bolas.
- Seringueira** — Os passarinhos fugiram de medo dos pofs, ora! Oi! Tô numa boa! Minha goma está o maior barato!
- Tainá** — Mas que mania é essa, dona Árvore Seringueira? A senhora agora vive mastigando e soltando bolas? Isso assusta os passarinhos!
- Seringueira** — É que apareceu um gringo por aqui e me ensinou a gostar de chiclete, ora bolas! Eu sou a árvore da borracha, né? Pois então! Mastigo borracha e faço cada bola!





Narrador — E lá ia Tainá pela floresta, conversando com seus amigos...

Tainá — Bom-dia, seu Papagaio!

Papagaio — *Hello! Good morning!*

Tainá — Mas que língua é essa, seu Papagaio?

Papagaio — É língua de gringo, ora! Eles passaram por aqui e me ensinaram!

Tainá — Você não fala mais a nossa língua, seu Papagaio?

Papagaio — Mas é tão elegante falar língua de gringo, você não acha, Tainá?

Narrador — Tainá não achava. Andava pela floresta, triste...

Tainá — Parece que o gringo não gosta da nossa língua. Parece que o tal do gringo transformou a Árvore Seringueira! E nossas coisas, nossa vida, tudo vai mudar? Vou perguntar pro Rio Velho. O Rio Velho sabe das coisas!

Narrador — E índia Tainá foi procurar o Rio Velho.
Era um rio enorme, cheio de água, cheio de peixes...

Tainá — Seu Rio Velho, eu vim saber se...

Narrador — E Tainá contou tudo o que havia visto na floresta
pro Rio Velho que, na verdade, se chamava Rio
Amazonas. O Rio ouviu e gargarejou de tanta raiva!

Rio — Isso é um absurdo! Venha comigo, índia Tainá!
Vamos falar com minha amiga Pororoca!
Suba nesta canoa e se segura, que eu vou correndo,
igual a um trem!

Tainá — Então vamos, amigo Rio! Vamos depressa!
Você já imaginou se toda a floresta começar
a falar língua de gringo?

Papagaio — *Hello! Good morning!* Currupaco!
Que barato! Currupaco...

Rio — E você já imaginou o que pode acontecer
com o nosso pé de guaraná, Tainá?
Ele pode gringar também e, em vez de chiclete de bola...

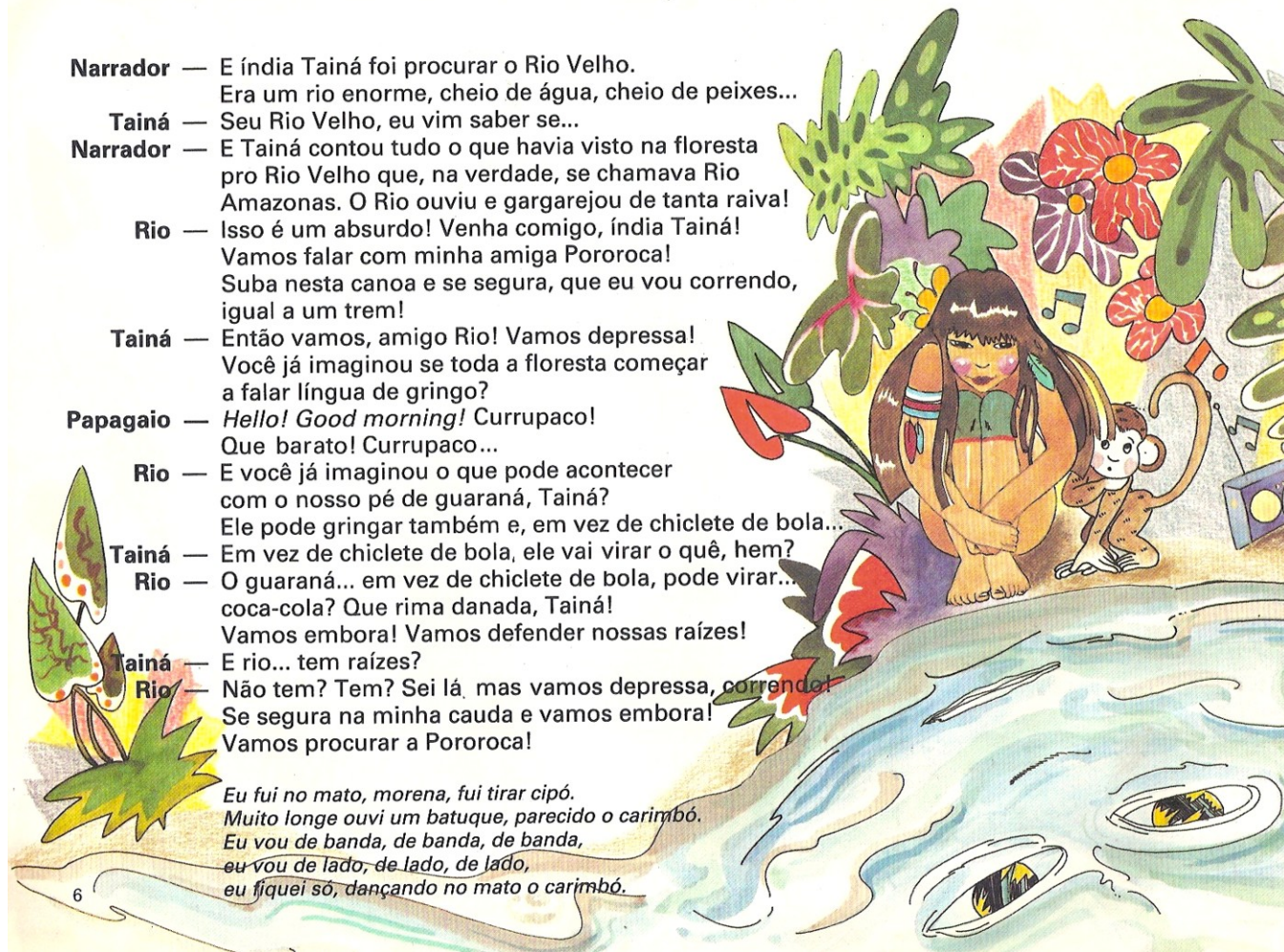
Tainá — Em vez de chiclete de bola, ele vai virar o quê, hem?

Rio — O guaraná... em vez de chiclete de bola, pode virar...
coca-cola? Que rima danada, Tainá!
Vamos embora! Vamos defender nossas raízes!

Tainá — E rio... tem raízes?

Rio — Não tem? Tem? Sei lá, mas vamos depressa, correndo!
Se segura na minha cauda e vamos embora!
Vamos procurar a Pororoca!

*Eu fui no mato, morena, fui tirar cipó.
Muito longe ouvi um batuque, parecido o carimbó.
Eu vou de banda, de banda, de banda,
eu vou de lado, de lado, de lado,
eu fiquei só, dançando no mato o carimbó.*





Tainá — E onde mora a dona Pororoca, seu Rio?

Rio — Isso a gente não sabe. Eu sempre encontro e sempre esqueço.

Narrador — E era verdade. O Rio Amazonas era um rio velho, já meio esquecido. Correu, correu e, de repente, encontrou uma velha amiga, dona Maria, que chegou na beira do rio carregada de mandioca, para fazer farinha. Aí, o Rio esqueceu que tinha pressa e começou a cantar, acompanhado das ondas, dançando o carimbó!

*Dona Maria chegou, chegou, chegou com a mandioca.
Para fazer a farinha, farinha, farinha de tapioca.
Para remexer, para remexer, para remexer,
mexer, mexer, mexer, mexer!*

Narrador — Mas, de repente, o Rio olhou bem para o que dona Maria estava fazendo...

Rio — Isso não parece farinha de tapioca, dona Maria... O que é isso?

Maria — Um gringo passou por aqui e me deu pra experimentar, é *corn-flakes!* Diz que é muito bom!

Narrador — Aí o Rio ficou danado!

Rio — Viu só, Tainá? Até a nossa tapioca está com jeito diferente!

- Tainá** — Pois é... Então vamos, seu Rio!
Rio — Vamos! Mas vamos pra onde?
Tainá — Procurar a Pororoca! O senhor não disse que ia procurar a Pororoca?
Rio — Eu disse?
Tainá — Mas o senhor já esqueceu, seu Rio?
Rio — Esqueci... Ah, mas lembrei! Vamos correndo!
Narrador — E o Rio ia correndo e cantava, dançando o carimbó, se remexendo todo!

*Para remexer, para remexer, para remexer
 mexer, mexer, mexer, mexer!*

- Narrador** — E, nesta corrida e remexida, o tempo correu também. E Tainá e o Rio foram dar no lugar onde dona Noite se espreguiçava, com sono.
Rio — Olá, dona Noite, como vai a senhora?
Noite — Tô com um sono! Conteí todas as estrelas, somei, multipliquei... Dei brilho na Lua, esfreguei, esfreguei, até ela brilhar! Dei brilho na Lua, lá do céu!
Tainá — Dona Noite, eu queria a Lua para mim!
Noite — Você queria a Lua, Tainá? Mas a Lua mora longe, mora muito longe!
Narrador — O Rio Velho cochilou, no meio daquela conversa, e sua água ficou parada, parecendo um espelho. Foi então que Tainá viu, refletida na água, a Lua!





Tainá — A Lua desceu pra água, dona Noite!
Ela veio pra perto, só pra eu pegar! Veja!

Noite — Cuidado, Tainá! Cuidado com a Lua refletida na água!

Tainá — Eu quero a Lua! Eu vou apanhar a Lua dentro da água! Eu vou mergulhar!

Narrador — E Tainá mergulhou no fundo do Rio para apanhar a Lua. Dona Noite, de tão assustada, amanheceu! Os passarinhos, aflitos, cantavam pra acordar o Rio.

Rio — Já amanheceu? Vamos continuar a viagem, Tainá? Ué! Cadê Tainá?

Pássaros — Piu-piu, piu-piu...

Rio — O que será que aconteceu? Cadê Tainá?

Narrador — E a Seringueira respondeu, mascando chicletes, aflita, soltando bolas!

Seringueira — Tainá afundou pra pegar a Lua!

Rio — Tainá afundou? Ai, ui, que tristeza! Sou um rio desolado! Sou um rio molhado de lágrimas! Tainá afundou e nem achou a Lua! Coitada de Tainá!

Narrador — Mas, nesse instante, de dentro da água do Rio, surgiu a voz de Tainá.

Tainá — Não chore, amigo Rio, eu estou renascendo, não está vendo?

Rio — Estou vendo um redemoinho... Parece um redemoinho de águas... Ui, ai, estou girando! Girando só! Mas... o que é isso? Que música é essa? Ui, estou girando, voltando, indo e vindo...Ué... Estou de novo no lugar onde estava a dona Maria? Mas eu vou e venho e rodopio?



*Nunca vi rastro de cobra, nem couro de lobisomem,
se correr o bicho pega, se ficar o bicho come!
Porque eu sou é homem, porque eu sou é homem,
menino, eu sou é homem, menino, eu sou é homem!*



Rio — Mas cadê a Tainá? Cadê? Onde estou?
Cadê eu, cadê tu, cadê o rabo do tatu?

Narrador — E, no meio da confusão, apareceu um pretinho
sorridente, de capuz vermelho, pulando num pé!
Era o Saci Pererê!



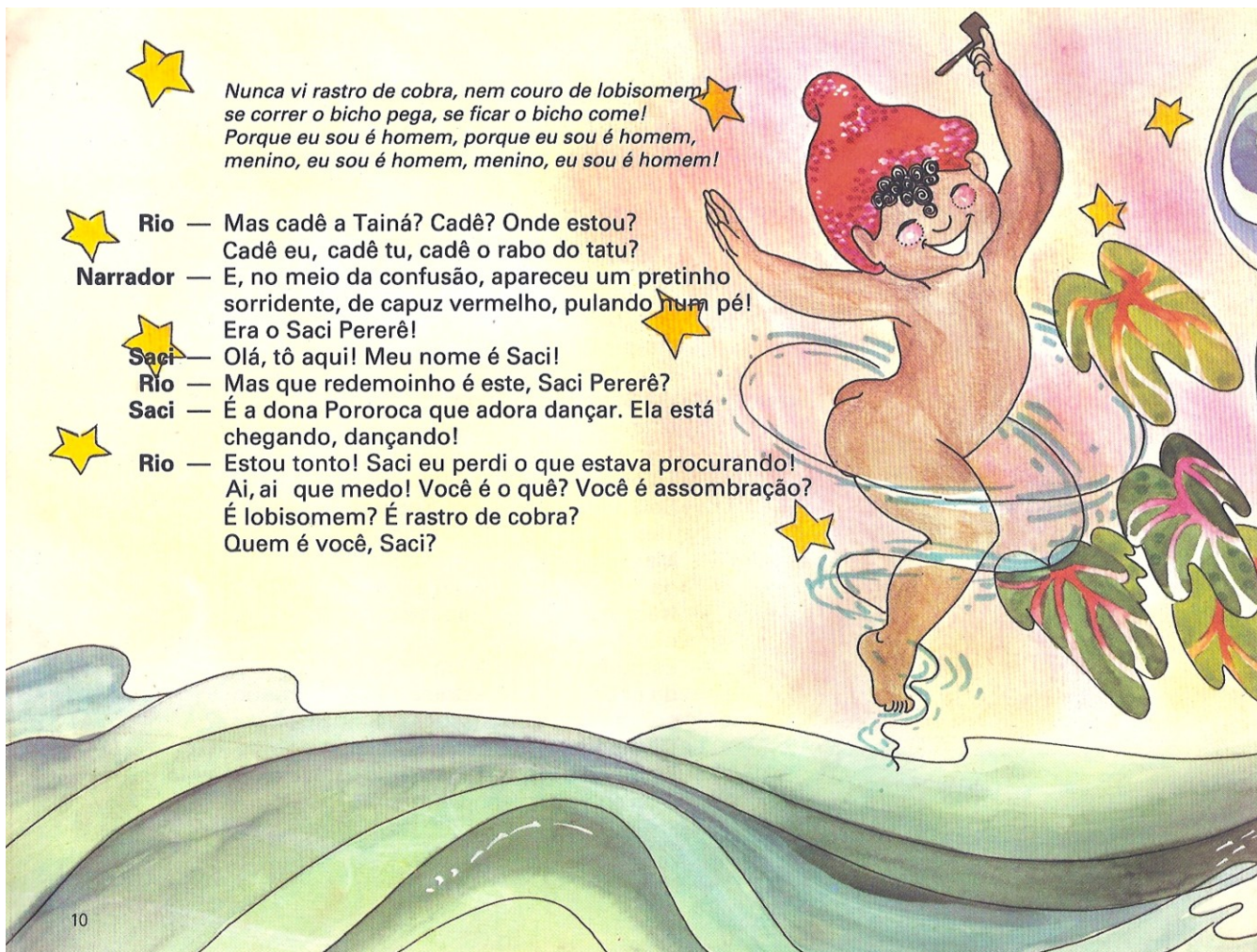
Saci — Olá, tô aqui! Meu nome é Saci!

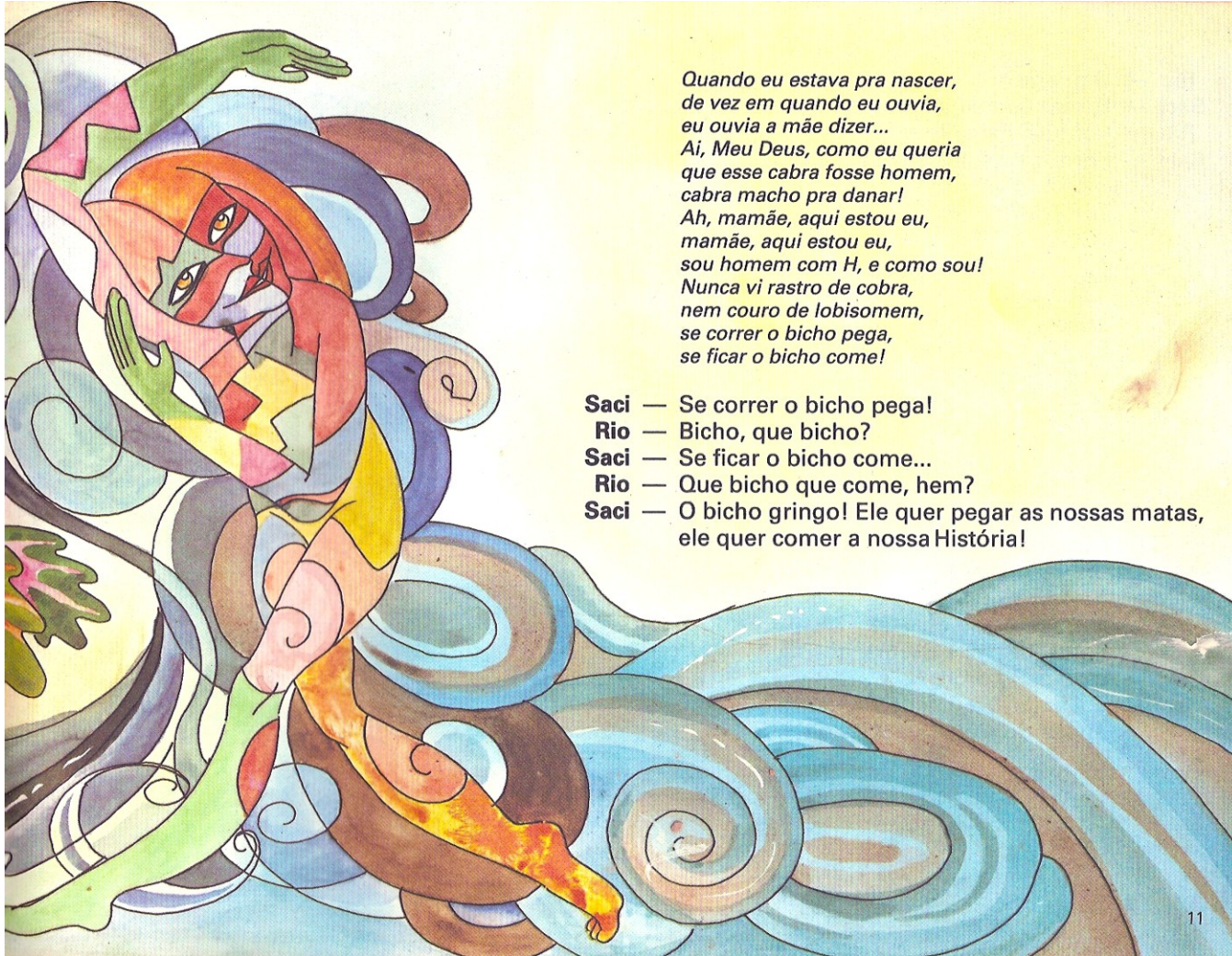
Rio — Mas que redemoinho é este, Saci Pererê?

Saci — É a dona Pororoca que adora dançar. Ela está
chegando, dançando!



Rio — Estou tonto! Saci eu perdi o que estava procurando!
Ai, ai que medo! Você é o quê? Você é assombração?
É lobisomem? É rastro de cobra?
Quem é você, Saci?





*Quando eu estava pra nascer,
de vez em quando eu ouvia,
eu ouvia a mãe dizer...
Ai, Meu Deus, como eu queria
que esse cabra fosse homem,
cabra macho pra danar!
Ah, mamãe, aqui estou eu,
mamãe, aqui estou eu,
sou homem com H, e como sou!
Nunca vi rastro de cobra,
nem couro de lobisomem,
se correr o bicho pega,
se ficar o bicho come!*

- Saci** — Se correr o bicho pega!
Rio — Bicho, que bicho?
Saci — Se ficar o bicho come...
Rio — Que bicho que come, hem?
Saci — O bicho gringo! Ele quer pegar as nossas matas,
 ele quer comer a nossa História!

- Rio** — O gringo?
Saci — É, mas eu não deixo, não! Sabe por quê?
Rio — Por quê, hem, Pererê?
Saci — Porque eu sou homem com H

*Eu sou homem com H
 e com H sou muito homem!
 Se você quer duvidar,
 olhe bem pelo meu nome.
 Já tô quase namorando,
 namorando pra casar.
 Ah, Maria diz que eu sou,
 Maria diz que eu sou,
 sou homem com H!
 E como sou!*

- Rio** — Você é Saci-menino, ou é homem? Não compreendo!
Saci — Sou homem na coragem, ora!
 E dona Pororoca é Pororoca-mulher, danada
 de tanta coragem, ora!
 Ela vai nos arrastar, pra gente defender
 a nossa floresta!
Rio — Ui, estou indo de lado... Ai, que estou indo
 de banda! Mas quem é que dá tanta força
 à dona Pororoca?
Saci — É a união e a luta das águas do Rio com as
 águas do Mar! Que roda de rodopio!





Narrador — E, no meio da confusão, surgiu dona Pororoca, fazendo o Rio pular! Pulava o Rio, pulava o Saci...

Rio — Ui! Ai! Ui!

Vozes — Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come!

Saci — Ai! Ui! Ai!

Vozes — Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come!

Saci — Eu sou menino, mas na coragem eu sou um homem!

Narrador — E o Saci ia montado no Rio, o Rio ia montado na Pororoca. Tudo girava e corria. E dona Pororoca jogou água na Árvore Seringueira!

Vozes — Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come!

Pororoca — Vou te molhar, vou te fazer acordar!

Seringueira — Ai, que susto, dona Pororoca! Ai! Engoli o chiclete de bola!

Vozes — Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come!

Pororoca — Isso é pra te lembrar que o canto da passarada não pode calar! Chega de goma de mascar! Ó, Seringueira brasileira, não deixa o gringo te chicletizar!

Narrador — E o Saci, montado na Pororoca, agarrou o Papagaio por uma asa. O Papagaio, de susto, esqueceu o inglês, o francês, o chinês e xingou em português!

Papagaio — Currupaco, me larga, seu carrapato! Currupaco! Que saco!



Pororoca — Isso mesmo! Pode xingar, mas xingue em português. Ninguém vai entender se você xingar em inglês!

Narrador — E a Pororoca fazia o Rio pular. Pulava o Saci, pulava até dona Maria, gritando

Maria — Ui! Derramei o meu *corn-flakes*!

Pororoca — A tapioca é nossa e é barata. Esqueça o *corn-flakes*, que é comida de lata!

Narrador — E, de repente, a Pororoca cansou e parou de pororocar. Tudo estava em seu lugar. A Seringueira, com seus passarinhos nos galhos, o Papagaio, currupacando e xingando em português, e dona Maria, fazendo tapioca... Mas, de repente, o Saci gritou...

Saci — Vejam! Está nascendo uma flor no meio das águas...

Narrador — E a índia Tainá renasceu. Só que renasceu em forma de flor: uma flor que parecia uma Lua branca, boiando no rio. Era uma vitória-régia que desabrochou! Era a vitória das coisas simples da natureza! Vitória-régia, em festa! Viva a floresta!

Eu fui no mato, morena, fui tirar cipó...